

## AS MULHERES DE YASHA MAZUR

Sonia Maria Davico Simon (UNEB)

A novela *O Mágico de Lublin* narra a história de Yasha Mazur, artista ambulante judeu que se apresentava em diversas cidades da Polônia do século XIX fazendo números de mágica e acrobacia. Yasha, meio judeu, meio gentio, ou nem um nem outro<sup>i</sup>, é considerado um homem de posses; tem casa própria com quintal, horta e animais domésticos. Não é religioso, mas frequenta a sinagoga durante *Rosh Hoshanah* e *Yom Kipur*<sup>ii</sup>.

A novela inicia com o retorno do artista ao lar após uma temporada de espetáculos, pouco antes de Pentecostes<sup>iii</sup>. Yasha passeia por seus domínios reconhecendo e retomando a posse de sua própria casa. Cada espaço se configura como local de ordem e harmonia. No quintal estão plantadas duas macieiras, e os animais domésticos se encontram à solta: pavões, coelhos, e até uma cobra fazem parte desse cenário edênico, grifando-o como divino. O ambiente é sereno, ordeiro, harmônico, e seguro. Yasha Mazur é casado com Esther, que mantém a casa com um atelier de costura enquanto espera a volta do marido a cada uma de suas incursões artísticas pelo interior da Polônia.

Não obstante a harmonia paradisíaca do ambiente matrimonial, Yasha se desloca para o lado pobre da cidade, onde vive Magda, sua amante e ajudante, com a mãe e o irmão. Para Magda, financeiramente dependente de Yasha, ele é “um pai e amante”.<sup>iv</sup> A visita à família de Magda torna visível um outro lado de Yasha Mazur: perdulário, enche de presentes e dinheiro a mãe de Magda e todos os que a cercam; vaidoso, exhibe perícia na abertura de segredos e cofres para os ladrões do bairro, e demonstra os conhecimentos em ilusão de ótica testando novos truques para essa platéia. É ainda neste universo que Yasha exerce seu poder de sedução realizando conquistas amorosas, e onde mantém uma amante menos constante – Zefitel, a esposa abandonada de um ladrão.

Entretanto, é por uma terceira mulher que Yasha nutre uma grande paixão: Emília. Viúva de um professor universitário, vive na capital, Varsóvia, e embora não possua recursos financeiros, é uma mulher de hábitos sofisticados, bonita, e tem sangue judeu embora seja gentia; tem uma filha adolescente, Halina, de “pulmões frágeis”, que suscita em Yasha uma afeição que oscila entre o amor de pai e o de futuro amante. É em Emília que Yasha pensa todo o tempo, esteja em Lublin, ou em Varsóvia.

Logo após Pentecostes, Yasha, acompanhado pela sua assistente, Magda, retorna a Varsóvia onde está prevista a sua apresentação no teatro mais importante da cidade, o que deverá lhe trazer fama, e render recursos financeiros necessários para manter a generosidade com os seus afetos. O seu apartamento na capital está situado em um bairro gentio e Magda encontra-se registrada como sua empregada doméstica, o que, de fato, não se constitui invertebrado já que ela é responsável por todos os serviços da casa tais como cozinhar, lavar, passar, fazer compras e cuidar dos animais. Yasha passa o tempo em companhia de Emília, que lhe nega o corpo que ele tanto deseja, até que possa se tornar oficialmente sua esposa. Para tanto, exige de Yasha a conversão ao catolicismo – o que automaticamente o separaria

oficialmente de Esther, uma vez que a igreja não reconhece o casamento em outra religião. Emilia também deseja se mudar para o sul da Itália com a intenção de recuperar a saúde da filha, e insufla o ego de Yasha sob o apelo que a investidora em uma carreira internacional o levaria ao sucesso e a fama dificilmente alcançada na provincial Polônia.

Yasha, dividido entre a segurança do casamento com Esther e a volúpia de possuir Emília, negligencia a sua carreira, desatende Magda, e preocupa seu empresário que teme pela temporada de espetáculos. Enquanto isso, o dilema de Yasha se acentua, pois não possui a quantia necessária para viajar para a Itália com Emília, que, por sua vez, encontra-se em difícil situação financeira depois da morte do marido e anseia por uma vida de conforto e estabilidade ao seu lado. A perspectiva de sucesso, fama, dinheiro, e a entrada legitimada no mundo gentio que Emília circula, incentiva Yasha a utilizar o conhecimento adquirido na abertura de cofres e fechaduras e invadir uma residência com o intuito de roubar um montante em dinheiro que possibilite a viagem, e a permanência no exterior, com Emília e Halina.

Entretanto, devido uma série de contratempos, Yasha não consegue realizar o seu intento e, ao se evadir da residência que pretendia assaltar, cai, ao pular da sacada do apartamento, machucando o pé. Nesse ínterim, é visto pela polícia que passa a persegui-lo, e Yasha se refugia numa sinagoga onde, ao rever os velhos estudiosos da Torá, relembra os ensinamentos religiosos adquiridos na infância e crê estar sendo punido pela desobediência às leis mosaicas.

De volta ao apartamento, Yasha se depara com mais uma provação: desgostosa com as infidelidades do patrão e amante, Magda acaba com a própria vida se enforcando, e matando também os animais que pertenciam a Yasha, muitos dos quais os acompanhavam nas apresentações. Os únicos animais poupados foram os cavalos, “Pó” e “Cinzas” respectivamente; de forma emblemática, os cavalos são tidos como símbolos universais de manifestação contínua\_ “vida e continuidade, acima da descontinuidade de nossa vida e nossa morte” (CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. ,2000, p. 211); a parelha foi doada, posteriormente, como recompensa, à família de Magda.

Atormentado pela culpa da morte de Magda, e o medo de ser descoberto pela polícia, Yasha confessa a Emília a infração que tentou cometer levando a termo a sua relação amorosa.

Em seguida, dispõe dos recursos financeiros que lhe restavam e quita suas dívidas, como manda a Lei, para, enfim, retornar definitivamente a sua casa em Lublin. Torna-se um estudioso da Torá e, mais tarde, um penitente. Manda construir um cubículo fechado, sem portas e com chão de terra batida, onde se isola, tendo como móveis uma pequena cama, e a mesa de estudos, e uma única janela por onde Esther lhe passa refeições frugais. Yasha se retira do mundo para uma vida de meditação e orações, e passa a ser conhecido como Rabi Jacob.

Do ponto de vista mítico, podemos considerar a trajetória de Yasha como um percurso simbólico que tem início após Pessach, data em que se rememora a saída dos judeus do Egito, o Êxodo, antes de chegar à Terra

Prometida, ou seja, um período de nomadismo, qual o vaguear de Yasha pela Polônia até chegar ao seu lar. Yasha retorna a casa em Lublin nos dias que antecedem Pentecostes, marcando este tempo como o começo de tudo. O intervalo entre Pessach e Shavuot (Pentecostes), é caracterizado como um tempo de solenidade e meditação, e marcava a transição entre a colheita da cevada e a maturação do trigo; originalmente um festival agrícola, esta ocasião passou, através dos séculos, a ter um significado religioso, uma vez que, antes da destruição do Primeiro Templo, os judeus aproveitavam esta época para realizar uma peregrinação a Jerusalém. A chegada de Yasha a Lublin, portanto, corresponde simbolicamente a uma visita a um lugar sagrado, reforçando a noção de lar como espaço divino. Sua permanência em casa se prolonga por alguns dias após Shavuot, ou Pentecostes, celebração da entrega das Leis de Deus a Moisés no Monte Sinai, o que, num sentido amplo, sugere o estabelecimento de uma ordem na vida errante de Yasha Mazur, representado pela sua estada no lar edificado de acordo com a prescrição judaica, e sob a responsabilidade de Esther.

Ao se definir, desde o início da história, como alguém que oscila entre dois mundos, o judaico e o dos gentios, pertencendo a ambos e a nenhum, Yasha afirma, de fato, o seu caráter ambíguo.

*Havia sempre um papel a desempenhar. Ele era um emaranhado de personalidades \_ religioso e herético, bom e mau, falso e sincero. Ele conseguia amar várias mulheres ao mesmo tempo<sup>v</sup>*

Os ambientes pelos quais Yasha circula em Lublin\_ a casa onde vive com Esther e a aldeia onde Magda mora \_ se configuram como opostos: ordem e caos, interior e exterior. O interior é representado simbolicamente pela casa, imagem de ordem e segurança, refúgio e proteção, o útero materno (BACHELARD, 2003, p. 59); por outro lado, o exterior ou caos representa o ambiente marginal que Magda habita, aquele que se encontra fora das margens, fora da ordem, ou do que prescreve os Mandamentos, *mitzvot*<sup>vi</sup>.

Essa polarização indicia uma problematização de culturas demarcada pela observação, ou não, das Leis Mosaicas, cujo cumprimento configura a cultura judaica como “dentro da Lei”, e, de forma oposta, a cultura gentia como “fora da Lei”, para Yasha Mazur. O trânsito constante do protagonista entre esses dois universos corresponde a uma alternância entre transgressão e restabelecimento da ordem, movimentos simbolicamente considerados descendentes e ascendentes.

Ao afastar-se do lar para se dirigir à aldeia de Magda, Yasha mergulha em um universo caracterizado como mesquinho, pobre e contraventor. Entretanto, a sua presença neste local o destaca como elemento de poder econômico e intelectual, distribuindo benesses, mostrando novos truques, e exercendo a sua sedução para com a amante e as outras mulheres da aldeia. Essa convivência em um ambiente gentio, não *kosher*, facilita a transgressão de Yasha com relação aos mandamentos, o que ele efetivamente o faz através da prática da infidelidade conjugal, vaidade, e luxúria, caracterizando essa transgressão como um movimento descendente. Por outro lado, o retorno ao lar e a Esther se configura como movimento

ascensional por se tratar de um reintegração à ordem estabelecida pelos mandamentos, a casa onde os preceitos religiosos e morais são mantidos.

Esse trânsito, todavia, pressupõe uma trajetória na qual o herói, Yasha Mazur, hesitando entre a fé e a descrença, fidelidade e a inconstância amorosa, vivencia situações exemplares, buscando a confirmação de valores morais e éticos. Desde o início da novela, Yasha se mostra cético com relação a Deus e aos preceitos religiosos, questionando os mandamentos e a tradição judaica. Entretanto, quando exposto a situações de infortúnio, contraditoriamente, se refugia nas sinagogas onde, através da leitura dos livros sagrados, nas orações, observação dos estudiosos e ainda nas lembranças da sua infância religiosa, encontra respostas para as indagações existenciais que o inquietam. No que pese a ambigüidade característica da personalidade do protagonista, o percurso por ele realizado ao longo da narrativa, o mostrará em situações de dualidade, que, ao fim e ao cabo da história o levará a uma escolha determinada por uma epifania, afirmando a sua fé no judaísmo.

É durante esta jornada, todavia, que as fissuras entre as culturas coexistentes na Polônia no final do século XIX se tornam aparentes. A população do país, na ocasião ocupado e governado por tropas da Rússia, se constituía, em sua maioria, de uma massa camponesa e uma burguesia empobrecida, da qual um grande contingente de judeus fazia parte, muitos deles ortodoxos. Os espaços de circulação dessas massas se encontravam claramente delimitados em bairros que, por sua vez, eram formados pela aglomeração de pessoas que exerciam atividades profissionais semelhantes, e tinham origem e religião comuns. Não obstante a interdição aos judeus na hierarquia social existente, concessões eram feitas com relação a seu acesso a determinadas atividades sociais. Os judeus que se convertiam ao cristianismo, ou que optavam pela assimilação cultural, abandonando os antigos preceitos religiosos e adquirindo costumes laicos, tornavam-se socialmente aceitos, o que nos leva a crer que os motivos pelos quais as diferenças culturais se acentuavam, eram, possivelmente, de ordem religiosa. Na relação amorosa entre Emília e Yasha parece claro que a conversão é o passe livre para que Yasha ingresse sem restrição ao universo gentio e socialmente superior de Emília; de fato, o obstáculo fundamental para que se consumasse o amor carnal entre os protagonistas é a noção de pecado, isto é, a sanção do ato amoroso estava vinculado a conversão de Yasha, possibilitando, conseqüentemente, a união oficial religiosa, e alçando Yasha, de imediato, a uma posição de igualdade e inclusão no círculo social de Emília.

Fechando o ciclo da trajetória simbólica *Pessach-Shavuot-Sucot*, datas relacionadas à natureza e ao tradicional calendário anual judaico, a narrativa e a jornada de Yasha Mazur se encerra na Festa dos Tabernáculos, ou *Sucot*<sup>vii</sup>. Este festival de outono, também de origem agrária, é comemorado pelos judeus com a permanência de sete dias em uma cabana, ou *sukkah*<sup>viii</sup>, com o intuito de lembrá-los que viveram em tendas quando Deus os tirou do Egito.<sup>ix</sup> É neste período que a novela se encerra, após o retorno de Yasha a Lublin, e a sua posterior reclusão em um cubículo tosco, de dimensões exíguas, como uma cabana. Yasha torna-se um estudioso da

Torá, e uma vez que os seus conhecimentos religiosos foram reconhecidos pelas autoridades rabínicas locais assume uma nova identidade: Rabi Jacob. *Arrependimento, oração, e boas ações podem superar uma má conduta.*<sup>x</sup>

A trajetória relacionada aos festivais judaicos e à observação da natureza corresponde ao ciclo da vida humana, no qual a primavera representa a juventude, o verão simboliza a maturidade, o outono se apresenta como o declínio, e, finalmente, o inverno corresponde a morte. O percurso do protagonista confirma sua pertença ao universo judaico, após a superação de obstáculos e diferentes provas a que foi submetido, tendo, ao final ao de sua história a aclamação da fé e das leis através da penitência. De modo geral, as jornadas míticas simbolizam a procura pelo Pai, e, de fato, em *O Mágico de Lublin*, a opção de viver segundo os preceitos religiosos equivale ao reencontro com o Pai, Deus, após uma jornada constituída de deambulações por territórios culturalmente alheios e pela inconstância amorosa .

As situações exemplares vivenciadas por Yasha Mazur são de ordem existencial e foram alegorizadas nas figuras de três personagens femininas principais, as mulheres de Yasha Mazur. As três mulheres da novela manifestam representações culturais que dizem respeito à convivência das diferentes etnias que formavam a população da Polônia da época.

A primeira mulher que se apresenta na narrativa é a esposa de Yasha Mazur, Esther é religiosa e mantém todos os preceitos judaicos. Esther é descrita fisicamente como uma mulher em torno de trinta e poucos anos, pequena, morena, rosto jovial, nariz reto, dentes miúdos, covinhas na face, e olhos negros que refletem tanto a alegria como a tristeza (SINGER, 1979, p.10). Associava-se às jovens por não ter filhos e invejava as mulheres que tinham maridos com ocupação fixa, sem viagens e sempre ao seu redor. Yasha jurava fidelidade a Esther, que acreditava, magnetizada pelo seu olhar. Ademais, Yasha sempre voltava para casa cheio de paixão, e o seu retorno era uma festa para Esther, que o queria “como um filho e como marido”.<sup>xi</sup> Esther era prendada, mantinha uma cozinha *kosher* e sustentava a casa com o seu atelier de costura; graças a ela Yasha tinha uma propriedade e um “porto seguro”.

*Durante todos esses anos ela tem sido meu único suporte. Se não fosse pela sua dedicação eu já teria me desviado como uma folha na tempestade...*<sup>xii</sup>

Esther é também o nome de uma figura proeminente na mitologia judaica, a Rainha Esther, que arriscou a própria vida para livrar o povo judeu da escravidão na Pérsia, fato celebrado na Festa de Purim. É considerada uma profeta pelos rabinos, e representa a estabilidade e o assentamento dos valores assegurados pela obediência à Lei.

A segunda mulher mencionada na história é Magda, a jovem ajudante e amante de Yasha. Cristã, de origem humilde, morava em uma aldeia nos arredores de Lublin, local pouco recomendável por abrigar ladrões, mendigos, e pessoas de caráter duvidoso. Vivia com a mãe, glutona, e o irmão, interceptador de mercadorias roubadas. Era fascinada por Yasha, a quem Magda “amava como pai e amante”<sup>xiii</sup>. Encontra-se descrita na novela como uma jovem de vinte e tantos anos, embora aparentasse menos, muito

magra, de pele áspera e com acne, busto achatado, olhos verdes, nariz rechonchudo e lábios carnudos; era calada e taciturna, porém, quando a sós com Yasha, se revelava uma amante ardente. Cuidava do apartamento de Yasha em Varsóvia e com ele tinha aprendido diversos truques como rolar um barril com os pés, dar saltos mortais, e outros números de acrobacias. Sua mãe e os vizinhos adoravam as visitas de Yasha que, generosamente, lhes trazia guloseimas, distribuía presentes e dinheiro, e sobretudo concedia atenção a suas histórias e mazelas. O nome de Magda nos remete a outra imagem emblemática, a de Maria de Magdala, ou simplesmente, Madalena. O nome de Magda carrega consigo toda uma carga simbólica, o da mulher pecadora do início do cristianismo, “a mulher que teve seus pecados perdoados por ter amado demais”<sup>xiv</sup> (FRYE, 1983, p. 141). Numa clara alusão a figura de Madalena, a personagem de Magda, era apontada, tanto na aldeia como em Varsóvia, como “a prostituta do judeu”, e sua imagem encontra-se associada, negativamente, a imagem da pecadora do Novo Testamento, mulher à margem da sociedade. Situada “fora da Lei” por manter uma relação ilícita com um homem casado e de outra convicção religiosa, Magda, pecadora em vida, é também condenada na morte por cometer suicídio, prática vetada pela ética social e religiosa.

A terceira personagem feminina é Emília, uma viúva polonesa residente em Varsóvia e que possui uma filha adolescente; é católica, porém tem antepassados judeus. É descrita como uma mulher bonita, de rosto estreito, pele cor de oliva, malares eslávicos, nariz arrebitado, covinhas nas faces, testa alta, “negros olhos judeus”, e não muito jovem..... Emília é culta, e pertence a uma elite intelectual empobrecida; de fato, encontra-se à beira da bancarrota e imagina que o casamento prometido por Yasha a salvará desta situação constrangedora. Por sua causa Yasha diz ter lido livros laicos, se iniciando numa cultura secular e se intitulando “filósofo” (SINGER, 1979, p 14). Yasha deseja Emilia com paixão e volúpia, entretanto ela só se entregará após a oficialização do casamento, e para tanto, exige que Yasha se afaste de suas tradições, religião, a língua iídiche, e se mude para um outro país, a Itália, onde poderá iniciar uma carreira internacional de sucesso e possibilidades de enriquecimento e fama.

*Havia um teatro no parque (Jardins da Saxônia, Varsóvia) mas Yasha nunca pode se apresentar nele. Havia sido barrado por ser judeu.(...) Emilia havia dito que em outras partes da Europa não havia essas restrições. Nesses lugares, um artista era julgado simplesmente pelo seu talento*<sup>xv</sup>

Imbuído pela perspectiva de melhoria de vida e aceitação numa sociedade que sempre o rechaçou, o casamento com Emília representa para Yasha a ascensão social, o acesso a um universo secular que só lhe será permitido através da assimilação cultural. *Emilia foi o único milagre na sua vida, sua única esperança de salvação do buraco em que ele havia cavado para si mesmo.*<sup>xvi</sup> O encontro com Emília, envolto em mistério, é brevemente descrito pelo protagonista como um “advento”, um acontecimento em sua vida (SINGER, 1979, p. 63). Além da forte atração física mútua, o que mais lhe chama a atenção é a comunicação que se realiza entre os dois de forma quase telepática, o que a distinguia a relação como

singular, especial, lançando-a para uma dimensão além da Lei \_ a dos homens e a de Deus, nem a dos gentios nem a judaica, a da paixão.

Yasha seduzia as mulheres que queria ... *uma fechadura é como uma mulher. Mais cedo ou mais tarde será corrompida*<sup>xvii</sup>... judias e gentias, jovens e maduras, respondiam ao seu fascínio com o olhar embevecido, hipnotizadas pelo seu olhar, sua generosidade excessiva e a luxúria. Sabendo-se detentor deste fascínio, Yasha se comprazia,

*Elas estão hipnotizadas, ele pensava. O amor é inteiramente baseado em hipnotismo. (...) Todas elas se encontram hipnotizadas: Esther, Magda, Zefel. Eu possuo um poder, um poder tremendo*<sup>xviii</sup>

Magnetizada por Yasha, Esther o estudava, queria aprendê-lo, apreendê-lo, analisá-lo: *Sentada no banco oposto, ela o estudava \_ com bom humor, avaliando-o, curiosamente*<sup>xix</sup>. Magda, hipnotizada, o observava:

*Por um longo tempo, de pé na soleira da porta, ela o olhava atentamente sentindo a dor de saber que não importava o quanto ela o conhecesse, pois jamais o entenderia*<sup>xx</sup>

A palavra *seducere* em Latim pressupõe um desencaminhar, enganar arditosamente, tirar do caminho sob um artil... fascinar por sua vez, promove a idéia da atração irresistível, encantar... convergindo também para a noção de desencaminhamento; ambos os verbos, seduzir e fascinar, insinuam, portanto, a ação comum de envolver o Outro, e tirando-o do caminho com um propósito, o sujeita. (MEZAN, 1988. P. 88-91). Yasha fascinava e seduzia, magnetizava, sustentava e mantinha suas amantes numa esfera de ação particular em que reinava absoluto. Esther, Magda e Zefel se agarravam a Yasha como a uma promessa... Ironicamente, Yasha sucumbiu à sedução; foi magnetizado por Emília<sup>xxi</sup> que se lhe oferece exigindo como contrapartida a conversão ao cristianismo, sob os auspícios de uma carreira bem sucedida financeiramente e a aceitação social em um universo diferente do seu, o universo do Outro. E é este fascínio que o leva a invadir uma residência com o intuito roubar o dinheiro ali depositado, infringindo o mandamento, “Não roubarás”.

A literatura ocidental tem utilizado exaustivamente a imagem da mulher como símbolo de tentação e sedução, e a representação de Emília não foge à regra. Considerando o que Renato Mezan chama de “dimensão política da sedução” (MEZAN, 1988, p. 89), o desencaminhamento, ou tentativa de fazer com que Yasha se converta ao cristianismo, implica em uma insurreição contra a ordem, no caso, o judaísmo. Essa dimensão possui ainda uma conotação religiosa, ética, pelo fato de a sedução estar associada ao sedutor por excelência, o Diabo, aquele que fez Eva pecar se insurgindo contra Deus. A alusão ao texto bíblico é flagrante; o livro da Gênese, um dos cinco que compõe o Pentateuco, ou a Torá, relata um episódio de importância fundamental na cultura judaico-cristã, “A Queda”, em cujo enredo Eva, incentivada pelo Diabo, convence Adão a provar o fruto da árvore proibida, fazendo com que ambos fossem expulsos do Paraíso, e condenados a uma vida de trabalho no caso de Adão, e ao parto doloroso no caso de Eva. A rasura na história de Isaac Bashevis Singer em relação à da Bíblia reside no fato que Yasha não chega a perpetrar o delito e é salvo por

uma revelação. *Ele fazia parte desta comunidade. Suas raízes eram as mesmas. Ele trazia a sua marca na carne.*<sup>xxii</sup>

Apaixonado, encantado, e fascinado, Yasha se vê tentado a abandonar as suas referências pessoais, afetivas e culturais, a transgredir os mandamentos, e a abandonar a pátria, e, em consequência de uma queda real que lhe dificulta a mobilidade, busca abrigo no lugar mais próximo de onde se encontra e menos conspícuo para a polícia; curiosamente, o local é uma sinagoga, onde Yasha tem uma revelação, um momento epifânico. Nesse instante Yasha confirma a sua fé no judaísmo e escolhe o universo judaico como definitivamente seu.

Assumindo uma nova identidade e um novo nome, Jacob, e isolado em um cubículo sem portas, Yasha parece estar livre as tentações, um homem tornado santo. Entretanto, ao final da narrativa Yasha recebe uma carta de Emília que lhe relata o novo rumo de sua vida, trazendo à tona os sentimentos recalcados por Yasha. *Quando as pessoas corretas estão em paz \_ e procuram se manter em paz \_ neste mundo, Satã vem acusá-los de algo...*<sup>xxiii</sup>

A história de Yasha Mazur representa um embate de forças antagônicas, em que os aspectos culturais são representados pelas personagens femininas. Remetendo-nos à saga bíblica de Jacob, que, ferido na luta com um anjo passa a se chamar Israel, Yasha Mazur renasce para uma nova vida, após a “Queda” e epifania, sob o nome de Rabi Jacob. Considerando-se que a novela, *O Mágico de Lublin*, atua também como recurso pedagógico, podemos reputá-la como uma representação alegórica da Torá, um *Midrash*, uma vez que apresenta um valor moral, uma homilia.

---

#### Notas

<sup>i</sup> SIMON, Sonia. Tradução livre. *He was half Jew, half Gentile \_ neither Jew nor Gentile*. SINGER, Isaac B. *The Magician of Lublin*. London: Penguin Books, 1979, p.10.



- <sup>ii</sup> Ano Novo e Dia do Perdão, respectivamente. As datas mais importantes do calendário comemorativo judaico.N.A.
- <sup>iii</sup> Pentecostes, *Shavuot*, comemora a entrega das Leis a Moisés no Monte Sinai.N. A.
- <sup>iv</sup> SIMON, Sonia. Tradução livre.*Yasha was both a father and a lover to the girl*. SINGER, Isaac B. Op. cit. p. 30.
- <sup>v</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre.*There was always another role for him o play. He was a maze of personalities \_ religious and heretical, good and evil, false and sincere. He could love many women at once*. SINGER, Isaac B. Op. cit. p. 51.
- <sup>vi</sup> Segundo a tradição, os mandamentos seriam em número de 613 passados a Moisés oralmente e posteriormente compilados na Tora. GUTIN, Julie e BANK, Richard. *O Livro Completo sobre a História eo Legado dos Judeus. De Abraão ao Sionismo*.São Paulo: Ed. Madras, 2004. p. 49.
- <sup>vii</sup> Sucot ou Festa dos Tabernáculos é celebrada no outono como uma Festa da Colheita, em que se constroem cabanas que, parcialmente habitadas por sete dias, lembram ao povo judeu o tempo em que viveram no deserto. WOUK, Herman. *This is my God. The Jewish Way Life*. New York: Pocket Books, Standing in the doorway for a long while, she gazed down at him with the painful awareness that no matter how long she knew him, she would never understand him. P 91 1973. p.46.
- <sup>viii</sup> *Sukkot* plural de *sukkah*, ou tenda. GUTIN & BANK. Op. cit. p. 54.
- <sup>ix</sup> Levítico 23:42-43.
- <sup>x</sup> SIMON, Sonia. Tradução livre *Repentance, prayer and good works can dissolve the evil decree*. WOUK, Herman. Op. cit. . p. 68.
- <sup>xi</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre *He was both son and husband to her*. SINGER, Isaac B. Op. cit. p.11.
- <sup>xii</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre *During all these years she's been my only support. Were it nor for her devotion, I would have long since drigted like a leaf in a windstorm...* SINGER, Isaac B. Op. cit. p. 19.
- <sup>xiii</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre *Yasha was both a father and a lover to the girl*. SINGER, Isaac B. Op. cit. p. 30
- <sup>xiv</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre *The woman whose sins were forgiven because she "loved much"(Luke7:47)*. FRYE, Northrop. *The Great Code. The Bible and Literature*.Orlando: Harvest Books, 1983.p.141.
- <sup>xv</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre. *There was a summer theater in the park, too but Yasha had never performed in it. He had been barred for being a Jew. (...) In other parts of Europe these restrictions were no longer honored, Emilia had told him. There, an artist was judged simply by his talent*. SINGER, Isaac B. Op. cit. p. 66.
- <sup>xvi</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre. *Emilia was the only miracle in his life, his only hope of salvation from the pit he had dug himself in*. SINGER, Isaac B. Op. cit. p. 63.
- <sup>xvii</sup> SIMON, Sonia. Tradução livre *A lock is like a woman. Sooner or later it must surrender* SINGER, Isaac B. Op. cit. p. 50
- <sup>xviii</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre. *They are hypnotized anyway, he thought. Love is based entirely on hypnotism. (...) They are all hypnotized; Esther, Magda, Zefiel. I possess a power, atremendous power*.SINGER, Isaac B. Op. cit., P. 76
- <sup>xix</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre *She sat opposite him on the bench and studied him \_ wryly, appraisingly, curiously*. SINGER, Isaac B. Op. cit. p. 10.
- <sup>xxviii</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre. *Standing in the doorway for a long while, she gazed down at him with the painful awareness that no matter how long she knew him, she would never understand him*.SINGER, Isaac B. Op. cit. P 91
- <sup>xxi</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre. *... it was not he who magnetized her, but the other way around*. SINGER, Isaac B. Op. cit. P. 22
- <sup>xxii</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre. *He was part of this community. Its roots were his roots. He bore its mark upon his flesh*. SINGER, Isaac B. Op. cit. P.58
- <sup>xxiii</sup> \_\_\_\_\_. Tradução livre. *When the righteous settle in peace \_ and seek to settle in peace \_ in this world, Satan comes to accuse them*. Zornberg, Avivah. *The Beginnings of Desire. Reflections on Genesis*. Philadelphia: Three Leaves Press, 1995, p.

## Referências Bibliográficas

---

ADLER, Rachel. *Engendering Judaism*. Boston: Beacon Pres, 1999.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003.

BANK, Richard D. & GUTIN, Julie. *O Livro Completo sobre a História e o Legado dos Judeus*. São Paulo: Ed. Madras, 2004.

BURROWS, David J.; LAPIDES, Frederick R.; SHAWCROSS, John T. (editors). *Myth and Motives in Literature*. New York: The Free Press, 1973.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. S. Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRYE, Northrop. *The Great Code. The Bible and Literature*. Orlando: Harvest Books, 1983.

MERON, Michal. *Festas Judaicas e Dias Santos*. Jaffa: The Studio in Old Jaffa, 1995.

MEZAN, Renato. Mille E Quattro, Mille E Cinque, Mille E Sei. Novas espirais da Sedução. In RIBEIRO, Renato Janine (org.). *A Sedução e suas Máscaras. Ensaíos sobre D. Juan*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

SINGER, Isaac Bashevis. *The Magician of Lublin*. Middlesex, England: Penguin Books, 1979.

WOUK, Herman. *This is my God. The Jewish Way of Life*. New York: Pocket Books, 1973.

ZORNBERG, Avivah. *Genesis. The beginnings of Desire*. Philadelphia: Three Leaves Press, 1995